28.07.2023

Diretor
Filipe Alves
Subdiretores
Lígia Simões
e Nuno Vinha
Diretor de Arte
Mário Malhão

Especial

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº 2208. Não pode ser vendido separadamente.

Futuro do Dinheiro

Nunca como antes, no percurso milenar do dinheiro, a forma como pagamos sofreu tantas alterações em tão pouco tempo. A chegada da revolução digital aos meios de pagamento – tokenização, NFT e "smart contracts" – já mudou a forma como registamos os bens pessoais. Banca e as fintechs procuram soluções capazes de impactar os mercados.

Da troca direta à tokenização: como evoluiu o dinheiro

Pagamentos ■ P.2-3

Sebastião Lencastre.
"Vamos assistir a uma rápida desmaterialização do dinheiro"

Entrevista ■ P.4-5

Criptoativos estão em "fase de consolidação" no mercado

JE Talks ■ P.6

Que estratégias a banca e as fintechs estão a adoptar para preparar o futuro do dinheiro?

Fórum ■ P.8

PUBLICIDADE

Opinião

Como será o futuro do dinheiro?

Maria Antónia Saldanha
Country Manager da Mastercard

No mais recente estudo da Mastercard sobre "O Futuro dos Pagamentos", investigámos a forma como o dinheiro continuará a evoluir, graças à tokenização. Em breve, poderemos usar, combinar e trocar novas formas de valor e praticamente qualquer tipo de ativo. Ou seja, caminhamos para um mundo tokenizado, um futuro em que quase tudo pode ser representado por um token digital discreto e em que as aplicações emergentes podem levar-nos a novos ativos que vão servir como instrumentos de pagamento. Estes tokens vão mudar a forma como registamos os nossos bens pessoais e vão proporcionar-nos flexibilidade financeira, porque permitem a utilização integrada de moedas alternativas de forma contínua e segura. Também terão outra vantagem, que é a "fracionalização", a qual abre a porta para a propriedade partilhada de bens que antes não podiam ser subdivididos, como casas, navios porta-contentores, arte ou vinhos.
A diferença do que já conhecemos da tokenização para aquilo que será o futuro está na extensão desta tecnologia a um número mais de ativos do mundo real e que nos próximos cinco anos transformará o nosso conceito de valor. O resultado pode ser um conjunto mais amplo de opções de pagamento, ao mesmo tempo que os bancos, os *players* digitais e os comerciantes poderão descobrir oportunidades para criar modelos de negócio para dar suporte a estas novas trocas de valor. Vale a pena, também, referir a evolução que perspetivamos para as carteiras digitais, que hoje armazenam cartões tokenizados e informações de conta, que no futuro vão ser supercarteiras que se tornarão centrais de comando para o nosso dia-a-dia, num cenário em que bancos e *players* digitais competem para oferecerem experiências de compra e de pagamento perfeitas.

Da troca direta à tokenização: como evoluiu o dinheiro

Pagamentos ■ Futuro do dinheiro vai passar pela tokenização, com os NFT e os 'smart contracts', entre outras inovações. Esta revolução permitida pela digitalização será o próximo capítulo do milenar percurso do dinheiro, que começou na pré-História.

Filipe Alves
falves@medianove.com

O dinheiro é mais antigo que a História. Milhares de anos antes de surgir o primeiro documento escrito, já os humanos da pré-História utilizariam ossos de animais para contabilizar determinados bens. Podemos também argumentar que dinheiro e moeda não são a mesma coisa, pois o primeiro será um conceito intangível, ao passo que a segunda será a sua manifestação tangível. O dinheiro assenta nos números, enquanto a moeda é composta por objetos, notas ou linhas de código que servem para trocar bens e serviços e armazenar riqueza.

Assim, o dinheiro enquanto conceito intangível terá surgido no exacto momento em que alguém reconheceu, perante outra pessoa, que lhe devia algo. São disso exemplo as tábuas com registos de dívidas, que se utilizavam na antiga Mesopotâmia e no Egipto faraónico. O detentor dessas tábuas poderia exigir o pagamento em cereais ou outros bens, ou mesmo escravizar o devedor; e quando essas tábuas se partiam, como sucedia nos jubileus que o Antigo Testamento prescreve de sete em sete anos, o júbilo era geral.

Mais tarde, indo além da troca direta de bens, que sempre existiu nas sociedades agrárias, materiais como o centeio, a cevada e o sal (que era essencial para a conservação dos alimentos e está na origem da palavra "salário") foram utilizados como moeda, um pouco à semelhança do que sucede nos nossos dias com o tabaco, em determinados contextos onde não existem outras formas de pagamento.

Estas primitivas formas de moeda tinham a vantagem de facilitar o comércio. O economista Carl Menger (1940/1921) sustentava que a moeda fez com que as pessoas deixassem de ter de perder tempo a tentar encontrar quem quisesse trocar determinado bem, facilitando as transações. Porém, o surgimento do comércio de longa distância obrigou à utilização de materiais menos perecíveis, mais fáceis de transportar e armazenáveis durante longos períodos de tempo. Daí o recurso a metais preciosos como o ouro e a prata, que além de serem duradouros têm valor intrínseco, são divisíveis e, no limite, podem ser derretidos. Havia ainda outra vantagem: como as dimensões eram padronizadas, deixava de ser necessário pesar os metais antes de cada transação. Assim, as primeiras moedas de prata, cobre e bronze terão sido cunhadas na China, na Índia e na costa do Egeu, no século VII a.C..

Segundo Heródoto, a primeira moeda de ouro foi cunhada por Creso, o semi-mítico rei da Lídia. Este rei da antiga Anatólia, que deu origem à expressão "rico como Creso", foi mais tarde derrotado por Ciro, o Grande, o fundador do império persa, que depressa se apercebeu do potencial da moeda como catalisador do desenvolvimento económico. Utilizando o *know how* dos artífices do reino conquistado, algures por volta de 546 a.C. Ciro lançou o "dárico", uma moeda com cerca de 220 gramas de ouro que rapidamente passou a ser utilizada como divisa internacional da época.

Daí em diante, o dinheiro passou a existir na forma de moeda cunhada por cidades-estado, reinos e impérios, ostentando imagens de divindades ou a efígie do soberano reinante, para atestar a sua autenticidade. Quanto maior a importância do comércio, maior era a quantidade de moeda em circulação, como se viu nos impérios mercantis de Atenas e Cartago,

Os romanos difundiram esta

11g

Era o peso aproximado, em gramas, do siclo, a unidade de medida utilizada na antiga Mesopotâmia. O "dárico", moeda do Império Persa, tinha cerca de 20 siclos de ouro. Em hebraico, siclo diz-se *shekel*, que é também o nome da atual moeda de Israel.

FLORENCE LO/REUTERS

economia monetária em todo o seu império e para além do mesmo, uma vez que faziam comércio com países longínquos como a Índia e a China, onde também foram encontradas moedas com as efígies dos césares. O legado romano é tão significativo que o denarius de prata está na génese da nossa palavra "dinheiro", enquanto o emblemático solidus de ouro está na origem de "soldo" e "soldado". Já a palavra "moeda" vem de "Moneta", um dos epítetos da deusa Juno. Foi no templo de Juno Moneta que durante 400 anos foram cunhadas as moedas de Roma.

Futuro passa pela tokenização

Hoje, dois mil anos volvidos, o dinheiro é cada vez menos físico. A maior parte das transações que se fazem são realizadas através de transferência eletrónica e, desde 1971, com o fim do sistema de Bretton Woods, as principais divisas mundiais passaram a ser moedas fiduciárias, deixando de estar garantidas por ativos físicos como o ouro. E depois do surgimento da Bitcoin e de muitas outras criptomoeadas, nos últimos 15 anos, está a chegar a era das govcoins, com o euro e o dólar digitais, que prometem revolucionar os pagamentos e, talvez, a própria natureza do negócio da banca.

De acordo com os especialistas ouvidos pelo JE, o futuro passará, cada vez mais, pela tokenização, que consiste na transformação de bens físicos e de produtos financeiros em ativos digitais, por exemplo através dos *smart contracts* e dos NFT. "Em breve, poderemos usar, combinar e trocar novas formas de valor e praticamente qualquer tipo de ativo", disse ao JE a Country Manager da Mastercard Portugal, Maria Antónia Saldanha.

"Ou seja, caminhamos para um mundo tokenizado, um futuro em que quase tudo pode ser representado por um token digital discreto e em que as aplicações emergentes podem levar-nos a novos ativos que vão servir como instrumentos de pagamento. Estes tokens vão mudar a forma como registamos os nossos bens pessoais e vão proporcionar-nos maior flexibilidade financeira, porque permitem a utilização integrada de moedas alternativas, de ativos físicos e dados pessoais de forma contínua e segura", acrescentou.

Cronologia

Cerca de 20 mil a.C.: O chamado Osso de Ishango, descoberto no território da atual República Democrática do Congo durante a colonização belga, data do Paleolítico Superior e poderá ter servido para contabilizar determinados bens. Trata-se da fíbula de um babuíno.

3000 a.C. Primeira referência escrita ao siclo, unidade de medida e de peso, utilizado na Suméria. A palavra tem origem no verbo "pesar", na língua semítica falada na altura. numa referência ao antigo siclo.

1760 a.C. O Código de Hammurabi, na Babilónia, estabelece regras para o pagamento de dívidas e para as trocas entre privados. Na altura, as formas de moeda mais utilizadas eram cereais, animais e metais preciosos. No Egipto, já eram utilizadas barras de ouro nas trocas comerciais desde o quarto milénio antes de Cristo.

Século VII e VI a.C. As primeiras moedas de metal, terão surgido na China, na Índia e nas cidades-estado e nos reinos do Egeu e da Ásia Menor. O reino da Lídia, de Creso, terá sido o primeiro a cunhar moedas de ouro.

Séculos III a.C. a V d.C. Os romanos massificam a utilização de moedas de prata (denarius) e mais tarde de ouro (solidus).

Cerca do ano 1000 O papel moeda é inventado na China. Na Europa, nos séculos seguintes, surgem as notas promissórias, para utilização no comércio internacional. As primeiras notas com curso legal como dinheiro surgem apenas em 1661, na Suécia.

1694 O Banco de Inglaterra fica com o monopólio da emissão de notas no país, ficando os bancos privados impedidos de o fazer. Nos 300 anos seguintes, na maioria dos países a emissão de moeda passou a estar sob o controlo dos governos e bancos centrais.

1971 O governo americano avança com o chamado choque Nixon, pondo fim ao sistema de Bretton Woods, como forma de tentar controlar a inflação. Nixon tencionava regressar ao sistema mais tarde, mas tal não foi possível e o dólar deixou de ser convertível em ouro, passando a ser uma moeda fiduciária. As outras moedas seguiram o exemplo. Além disso, nas duas décadas que se seguiram, a maior parte do dinheiro passou a ser eletrónico e os cartões de débito e crédito tornaram-se os principais meios de pagamento utilizados, substituindo o dinheiro físico e os cheques.

2008 Surge a Bitcoin, a primeira criptomoeda, assente num sistema descentralizado e *peer-to-peer*. De lá para cá, surgiram centenas de outras criptomoedas e os bancos centrais estão a preparar o lançamento das govcoins, com o euro e o dólar digital, que deverão arrancar nos próximos anos.

CRISTINA BERNARDO

Entrevista Sebastião Lancastre ■ O fundador e CEO da Easypay, Sebastião Lancastre, acredita que o futuro passa pela desmaterialização do dinheiro com recurso à inteligência artificial, que passará a ser uma companhia diária. "Dentro de 50 anos vamos chegar ao café e dizer: pague 10 euros ao sr. João e fique com o troco", afirma.

"Vamos assistir a uma rápida desmaterialização do dinheiro"

Filipe Alves
falves@medianove.com

O dinheiro é hoje muito diferente daquilo que era há 100 anos ou mesmo há 50. Não só abandonamos o padrão ouro e outras formas de ligação ao "mundo fisico" , como a maior parte da massa monetária em circulação passou a ser virtual. Como será dentro de 50 anos?
Aquilo que sabemos com certeza é que vamos assistir a uma cada vez mais rápida desmaterialização do dinheiro. Com a chegada em força da Inteligência Artificial, a forma como pagamos será cada vez apoiada em *devices*, sem recorrer a dinheiro físico e cartões. As instruções por voz serão uma realidade cada vez mais presente e a validação será feita com impressão digital ou reconhecimento facial. A IA estará totalmente preparada para receber e interpretar indicações. Daqui a 50 anos não há qualquer dúvida de que a IA será nossa companhia nas ações mais banais. Bastará chegar ao café e dizer: "pague 10 euros ao Sr. João e fique com o troco".

Que papel estará reservado aos bancos tradicionais, neste novo mundo das criptomoedas?
O desafio que se coloca atualmente é que as soluções de pagamento acrescentem valor. Essa pressão é partilhada entre os bancos tradicionais e as fintechs. O cliente quer saber tudo sobre as compras que faz: fiz o pagamento x, no local y, às z horas, a fatura associada é esta, etc. Isto é o que as criptomoedas permitem fazer, o rastreamento completo do pagamento, em que a informação nunca é destruída. O consumidor quer ter acesso a esta informação, por isso, os bancos

No primeiro caso, a inovação surge porque o consumidor pede; no segundo caso, a inovação chega ao mercado antecipando as necessidades do consumidor

tradicionais e as fintechs têm que ser ágeis a conseguir fornecer esta informação, a enriquecer as transações com informação útil e torná-la disponível pelo máximo de tempo possível. O consumidor quer ter esse poder, de aceder e tratar a informação dos seus pagamentos.

As govcoins estão a caminho. O que vai mudar com o advento do euro digital e do dólar digital?

As govcoins são a resposta dos bancos centrais à crescente procura dos consumidores por pagamentos digitais, mais rápidos e seguros e vão ser mesmo uma realidade.

Nós podemos olhar para as inovações de duas formas distintas. No primeiro caso, a inovação surge porque o consumidor pede; no segundo caso, a inovação chega ao mercado de forma completamente disruptiva antecipando as necessidades futuras do consumidor. Neste caso, já temos uma pressão para que se consigam fazer transações seguras e instantâneas em qualquer parte do mundo. No entanto, extraordinariamente, já estamos na terceira década do século XXI e as transferências instantâneas são ainda muito pouco disponíveis e muito caras. Especialmente, numa lógica B2B esta realidade é muito urgente, pois as transações ainda são feitas de forma muito arcaica.

Esta realidade vai configurar um verdadeiro *game changer* no mundo empresarial. Vai ser possível poupar muito tempo e dinheiro.

Quais os grandes riscos para as economias e para o sector financeiro? O que falta acautelar?

O maior desafio prende-se com a confiança. Eu quero ter a certeza de que estou a fazer um pagamento para o sítio certo. As burlas e fraudes são um grande risco que deve ser acautelado e o mais possível mitigado. Estamos neste momento a assistir ao desenvolvimento de tecnologia que nos permita fazer uma confirmação imediata e fidedigna que um determinado IBAN corresponde a um determinado NIF. No início do próximo ano, este processo, que nos chega pela mão da IA, já deverá ser uma realidade. Estes processos vão acelerar e o consumidor vai ser cada vez mais exigente, quer no que diz respeito à segurança, mas também à rapidez.

É necessário investir mais na literacia financeira para acautelar os interesses dos cidadãos nesta nova realidade?

Claramente. É uma obrigação dos Estados. Tal como há anos assistimos a campanhas de Prevenção Rodoviária muito assertivas, é fundamental que o mesmo aconteça com as questões de literacia financeira. Estes temas exigem muita informação e ainda mais treino. As empresas já estão a fazer o seu papel através de departamentos de controlo de *passwords* e de *phishing* que colocam os colaboradores à prova. Se falharem nos testes, são encaminhados para formação.

Temos todos de ser treinados a desconfiar. Se for bom demais para acreditar, é porque não é verdade. Este pensamento não é automático, tem de ser treinado.

Há uma nova diretiva europeia a chegar. O que deverá mudar?

A modernização de serviços de pagamentos está a chegar com o novo programa da UE, o PSD3 (Payment Services Directive 3). Esta proposta, que não será tão disruptiva como foi o seu antecessor, o PSD2, que deixou como principal marca a introdução da autenticação forte, vai centrar-se nos interesses do consumidor, na concorrência e, acima de tudo, na segurança. Vamos assistir a um programa que vai focar-se essencialmente na resolução de duas questões que não ficaram totalmente endereçadas – iniciação de pagamentos e a agregação de informação financeira. Sabemos que a experiência do utilizador é fundamental para o sucesso destas medidas e é aí que a inovação deve apostar.

Reimaginar o futuro do dinheiro

Depois de anos de verdadeira aceleração da digitalização da economia, é expectável que testemunhemos inovações ainda mais significativas até ao final da década, que vão continuar a transformar a forma como compramos e como pagamos.

A Mastercard descreve, no seu relatório sobre o Futuro dos Pagamentos, que vamos a caminho da "Next Economy", que terá como pilares um futuro sustentável, experiências inteligentes e a redefinição do dinheiro tal como o conhecemos.

Para a Mastercard, o crescimento económico global vai ser impulsionado pela inclusão financeira e pelo consumo consciente e pelas empresas que operam com ética, através de emissões zero e políticas de ESG.

Mas a Next Economy será, também, marcada por experiências inteligentes e hiperpersonalizadas, à medida que os ambientes físico e digital convergirem. As chamadas "Finanças Ligadas" (Connected Finance - um termo abrangente para descrever a capacidade de podermos aceder aos nossos ativos financeiros em qualquer ambiente - digital, físico ou virtual) vai permitir que tenhamos acesso à nossa informação financeira e a métodos de pagamento universais, alicerçados no Open Banking. E apesar de haver algumas políticas regionais para a localização de dados, a expectativa é que, no final da década, a força dos consumidores, das empresas e dos reguladores irá impulsionar a interoperabilidade transfronteiriça dos pagamentos e da informação. Os efeitos serão de longo alcance e vão permitir, entre outros, a expansão da inclusão financeira ou o acesso em massa a transportes públicos, estádios, etc., sem filas.

No terceiro grande pilar de tendências da Next Economy identificadas pela Mastercard, está o facto de o dinheiro, como costumávamos ter nos nossos bolsos, estar a evoluir graças à tokenização. E, em breve, o valor do nosso dinheiro vai repercutir aquilo que serão os nossos ativos digitais, como os NFT, os pontos de fidelização que obtivemos em compras ou as nossas criptomoedas. Em simultâneo, a tokenização vai promover uma maior confiança e segurança em todas as transações.

Segundo um estudo da CBInsights, o mercado global de tokenização pode atingir até 2027, os 25 biliões de euros, isto apenas em ativos financeiros. Por outro lado, um dos primeiros sinais do potencial da tokenização é o mercado de NFT, que contabiliza já mais 11 milhões de NFT (fonte: Nonfungible.com). Apesar do hype que houve em torno dos NFT, a verdade é que têm um enorme potencial porque permitem digitalizar ativos e registar a sua propriedade, o que pode vir a revolucionar a forma como o valor é criado e trocado entre consumidores e empresas. De tal forma é assim, que, até dezembro de 2022, o total de transações feitas em plataformas de NFT foi de 2,7 mil milhões de euros (fonte: Economic Times India: Tokenization of fine art a revolutionary development in the art industry Dec 2022).

Já os pagamentos programáveis, que incluem API, Smart Contracts e inteligência artificial, serão combinados para permitir que a lógica dos negócios, normalmente executada antes ou depois do pagamento, seja codificada no próprio pagamento. Estes pagamentos programáveis criarão mais eficiências e proporcionarão melhores experiências aos clientes, porque vão evoluir do tradicional agendamento automático para passarem a incorporar e possibilitar a execução de instruções machine-to-machine ou automatizar trocas entre dispositivos ligados à rede. O benefício para a economia global estará na eficiência resultante da redução dos tempos e custos de processamento dos pagamentos, mas também por permitir liquidez imediata aos operadores.

Por fim, as carteiras digitais que hoje armazenam cartões tokenizados e informações de contas, vão ser, na Next Economy, verdadeiras centrais de comando do nosso dia-a-dia. E apesar do nível de concorrência e de regulação deixar antever que não haverá uma carteira standard, a verdade é que entidades financeiras e players digitais, que competem neste espaço, vão querer oferecer uma experiência cada vez mais perfeita e cumprir a promessa de precisarmos apenas de uma carteira, que nos permitirá transformar todo o tipo de valores que tivermos em dinheiro e usá-lo da forma e no local que nos for mais conveniente e em segurança, em cada momento.

com o apoio

CRISTINA BERNARDO

Criptoativos estão em "fase de consolidação" no mercado

JE Talks ■ Tendência destes ativos aponta para uma redução da volatilidade associada aos ativos digitais, enquanto os reguladores procuram implementar regras mais apertadas.

Tomás Gonçalves Pereira
tpereira@medianove.com

A volatilidade do mercado das criptomoedas e as tendências que podem estar reservadas para o futuro foram o foco da JE Talks dedicada ao tema "Futuro do Dinheiro". Neste espaço de entrevista, o analista da XTB, Leonardo Cardoso, abordou qual a tendência relativamente aos públicos que se mostram mais recetivos a investir.

Este especialista admite que estes são ativos de risco e isso é de tal forma uma realidade que a forte queda observada no final de 2021 teve um impacto acentuado na carteira de investidores um pouco por todo o mundo. Em simultâneo, é sabido que os ativos digitais reúnem, entre os investidores portugueses, maior preferência dos mais jovens, já que este público está disposto a assumir uma maior dose de risco em comparação com escalões etários mais avançados, em que as pessoas são, por norma, mais cautelosas.

Ainda assim, a tendência, por esta altura, aponta para uma "fase de consolidação" ao nível do valor atribuído às criptomoedas, o que significa que "a volatilidade irá diminuir", de acordo com Leonardo Cardoso.

Para este clima, existe um forte contributo do aumento da regulação ligada ao mercado dos ativos digitais, com o propósito de fazer reduzir, de forma progressiva, a volatilidade que lhe está associada. Em termos concretos, as autoridades iriam "conferir uma maior supervisão" sobre estes ativos, assim como sobre as 'exchanges', que permitem aos utilizadores a realização de transações neste âmbito.

Assim, a maior regulação pode resultar no crescimento do interesse de "investidores institucionais, nomeadamente grandes bancos e grandes fundos de investimento", afirma, antes de destacar o grande peso que as criptomoedas já têm nas operações das chamadas empresas fintech. Estas entidades encaram agora o cenário "com bastante confiança, porque podem aumentar o universo de receitas", visto que, se oferecerem um serviço de criptomoedas, vão "começar a atrair muito mais clientes".

Ainda no âmbito da alteração de paradigma, há que considerar a possibilidade de os bancos centrais avançarem com a criação de moedas digitais. Tanto o Banco Central Europeu (BCE), como a Reserva Federal (Fed), nos Estados Unidos, estão a ponderar uma tomada de decisão, naquela que poderá ser uma forma de aumentar o campo de regulação sobre os criptoativos.

O analista alerta, porém, para os riscos associados do que iria consistir na "centralização" e "aumento" dos poderes dos Estados, sendo uma porta aberta para as instituições terem maior acesso a informação sobre as transações, o que levantaria questões problemáticas no âmbito da privacidade.

Assista à JE Talk no seu smartphone através deste QR Code ou em www.jornaleconomico.pt

Regulação, segurança e novas oportunidades: porque as empresas não terão de esperar até 2024 para entrar no mercado cripto

Quando em 2022 a Celsius e a FTX rebentaram com o mercado cripto, várias perguntas surgiram em força por todo o ecossistema: "esta tecnologia tem futuro?", "como é possível que estas coisas possam acontecer?", "há o risco de colapso?". Agora, em 2023, estamos a ver a resposta e esta é um contundente "sim, há futuro e muito prometedor". De facto, em apenas um ano, o preço da Bitcoin subiu mais de 27%.

Em Espanha, já são mais de 5000 as empresas que beneficiam direta ou indiretamente da criptomoeda. A nível europeu foi recentemente aprovada a lei MiCa que, a partir de 2024, aplicará uma capa de segurança legislativa direcionada às criptomeodas, stablecoins, tokens, etc.

Com esta lei as empresas e as instituições financeiras terão ainda mais claras as regras do jogo. Regras estas que serão comuns a todos os agentes do entorno cripto para que possam competir, e triunfar, nas mesmas condições. Esta normativa também permitirá a entrada dos bancos no território cripto o que aumentará, sem dúvida, a procura com todas as suas consequências.

Para Leif Ferreira, CEO da Bit2Me, o maior exchange de criptomoedas no país vizinho e um dos mais seguros do mundo, tanto a nível de cibersegurança como de legalidade, "o mundo das criptomoedas foi selvagem durante muito tempo com empresas em paraísos fiscais, outras que utilizavam o dinheiro dos seus clientes para publicidade... Sempre acreditámos que o caminho para que a Bitcoin e outras criptomoedas chegassem ao bolso de todos seria cumprindo estritamente as leis de cada país e encontrando uma forma de avançar a regulação".

Neste sentido, a Bit2Me foi a primeira empresa do mundo a obter o registo do Banco de Espanha como fornecedor de serviços de câmbio de moeda virtual por moeda fiduciária e de custódia de carteiras eletrónicas. Recentemente, também recebeu os certificados ISSO 27001e CSA Star e foi premiada como uma das PMEs do ano na categoria de compliance nos Prémios Expansión 2022, aumentando ainda mais a segurança jurídica e virtual dos seus utilizadores.

Para o CEO da Bit2Me, Portugal é um país que soube adaptar-se muito bem aos novos tempos e à regulação da criptomoeda. "Portugal é todo um exemplo de saber fazer os trabalhos de casa nesta matéria, o que leva a que parta com vantagem no contexto regulatório", afirma. "Na Bit2Me sempre acreditámos em Portugal e, de facto, o nosso segundo maior número de utilizadores vem deste país."

Leif Ferreira
CEO de Bit2Me

A fiscalidade cripto em Portugal

Portugal mudou a sua regulamentação fiscal no que toca à criptomoeda em janeiro de 2023. Atualmente, os cripto holders saem mais beneficiados que os traders a curto prazo. E como? Atualmente, a lei estipula uma taxa de 28% para os lucros derivados de criptomoedas mantidas durante um ano. No entanto, nos casos em que as criptomoedas se mantenham por mais de 365 dias, os lucros provenientes da venda das mesmas continuam a estar isentos de impostos.

Apesar de ser mais restritiva, esta regulamentação facilita que os cidadãos portugueses beneficiem mais da criptomoeda em comparação com outros países.

Por exemplo, em Espanha, os lucros pela venda de criptomoeda estão sujeitos a uma taxa de, no mínimo, 19% independentemente da quantia ou do tempo que se manteve a respetiva criptomoeda na carteira.

Como podem as empresas beneficiar com as criptos?

Em Espanha, milhares de empresas já estão registadas na Bit2Me e operam com criptomoedas. Mais de 300 já solicitaram aceitar pagamentos com criptos. Com a nova regulação europeia vai ser ainda mais fácil para as empresas conhecerem as regras do jogo do mercado e, consequentemente, aproveitarem as suas vantagens. Como poderão fazê-lo?

- **Ganhos de capital:** o trading é o use case mais relevante. Em 2023, subiu mais de 70% e é um dos ativos com mais rentabilidade do ano e, sem dúvida, dos últimos 10. Muitas pessoas já compram e vendem quer Bitcoin quer outras criptomoedas, e as empresas também podem aproveitar este mercado para melhorar os seus lucros.
- **Earn:** apesar dos juros europeus estarem na ordem dos 4%, os bancos não estão a refletir estes valores nos depósitos dos seus clientes. Por exemplo, o BPI, do Grupo Caixabank, oferece por volta de 2,2% para depósitos a um ano e o banco Haitong sobe até aos 3% com depósitos a 6 meses. No entanto, quando falamos de criptomoeda, podemos conseguir até 8% por ano em determinadas moedas mais estáveis como a EURt. Este serviço é um dos mais utilizados pelos utilizadores portugueses, tanto particulares como empresas, que desta forma obtêm lucros e aumentam as suas poupanças bem acima da inflação e das taxas oferecidas pelos bancos.
- **Commerce:** como terceira opção, cada vez mais empresas oferecem aos seus clientes a possibilidade de pagar com criptos. Soluções como a Bit2Me Commerce, que instala um sistema de check out, são das mais utilizadas atualmente.

Como escolher o melhor exchange?

O melhor exchange não tem de ser o maior. Não nos esqueçamos do FTX, o terceiro maior exchange do mundo até ao seu declínio em novembro de 2022, que tinha a sua sede social em Barbados, um estádio de futebol em Miami... e tudo isto pago com o dinheiro dos seus clientes.

O que é necessário para encontrar um exchange de confiança é saber se o que está por detrás da empresa é solido. A empresa está localizada num país que oferece segurança jurídica, como Espanha e Portugal? Tem auditorias realizadas por auditores independentes? A que reguladores presta contas de forma assídua?

Uma vez respondidas estas perguntas, é importante saber: é possível registar uma empresa de forma simples? A app funciona devidamente? Existe um serviço de apoio ao cliente que resolve os problemas de forma rápida e eficiente? É importante avaliar todos estes pontos antes de tomar uma decisão e adiantamos que players como a Bit2Me cumprem e sempre dentro do âmbito europeu.

Concluindo, os ventos que sopram no território da cripto voltam a ser favoráveis. Uma regulação mais clara com a lei MiCa, a Bitcoin em alta há um ano e o crescimento dos utilizadores faz com que o futuro das empresas passe, sem dúvida, pela criptomoeda. É por isso importante contar com empresas com uma bagagem profissional com mais de 10 anos como a Bit2Me com as prioridades estabelecidas na cibersegurança e na compliance. Desta forma, a viagem será muito mais simples para os inversores e as empresas que não queiram perder a oportunidade que surgirá nos próximos meses.

com o apoio bit2me

Líderes destacam aumento das soluções

Fórum ■ Com o sector dos pagamentos digitais em constante mutação, banca e fintechs procuram desenvolver alternativas inovadoras capazes de gerar impacto no mercado. Tomás Gonçalves Pereira

1. Que estratégias estão a adotar a banca e as fintech para preparar o futuro das soluções de pagamento pelo meio digital?

Alexandre Carrera Lejeune
Country Manager da FLOA

■ Se, por um lado, a inovação tecnológica trouxe grandes mudanças ao mercado financeiro, por outro não podemos negar que também tem sido rampa para grandes desafios. Um desses desafios é a cibersegurança. Por isso mesmo, para assegurar o futuro digital dos pagamentos, as fintechs e a banca têm reforçado o investimento nesta área, recorrendo também à Inteligência Artificial, uma tecnologia emergente que pode ajudar na melhoria contínua da segurança, quer das plataformas online, quer das transações digitais. Este é um fator essencial para a FLOA e, como tal, temos vindo a reforçar o investimento nesta área sendo que conseguimos reduzir em 30% a quantidade de tentativas desta fraude nos pagamentos digitais, num período em que o crime cresceu 30%. Além disso, se, até aqui, a transformação digital se tem focado mais nas operações diárias do cliente, como as transferências, consultas de saldos, pagamentos ou pequenos investimentos e compras de ações, há também um caminho a ser feito para digitalizar processos mais longos e que necessitam de maiores cuidados, como a análise de dados em solicitações de créditos e previsões na banca financeira. Por isso mesmo, são já várias as instituições que estudam a compreensão e aplicação da Inteligência Artificial no futuro destes processos e que têm, também dedicado longas horas ao debate sobre a regulamentação desta matéria. Aqui, sem dúvida, deverá ser feito um esforço entre ambas as partes para que o futuro do dinheiro seja mais seguro e mais democrático.

Jon Fath
Fundador e CEO Rauva

■ O sector das fintech em Portugal tem vindo a crescer rapidamente nos últimos anos, e isso é visível nomeadamente na Fintech House, que duplicou, num ano, o número de empresas residentes, onde a Rauva também marca presença. Estamos num mercado com muito potencial onde existem várias oportunidades para inovar nos mais diversos segmentos, nomeadamente de pagamentos, e o regulador está muito aberto para que isso aconteça. Prova disso é o programa Portugal FinLab, organizado pelo Banco de Portugal, CMVM e ASF, para o qual a Rauva foi selecionada. O segmento das soluções empresariais é também muito competitivo, mas, até à data, não existia uma solução como a Rauva em Portugal. Queremos ter impacto na economia e na vida dos empreendedores e acreditamos estar no caminho certo. Para a nossa solução 100% digital e integrada para os pequenos e médios negócios, estamos a investir e a trabalhar com tecnologia de ponta, utilizando *quantum machine learning* e Inteligência Artificial, que colocamos ao serviço das necessidades dos clientes nos nossos produtos e serviços. Atualizamos a app duas vezes por semana com base na auscultação permanente dos utilizadores para garantir a melhor oferta possível. Para além de cumprir com os regulamentos, nomeadamente de *data privacy* e fraude fiscal, é fundamental garantir condições de segurança aos nossos clientes e operações - dois pilares que são comuns tanto a bancos como a fintechs. Pensamos que é esse o caminho: inovar sempre sem descurar do que é basilar.

João Guerra
CEO da Nickel em Portugal

■ As transformações tecnológicas estão já presentes em vários serviços da banca tradicional. Por exemplo, muitas aplicações bancárias já recorrem à Inteligência Artificial para supervisionar a segurança das transações, ou a fim de sugerir produtos personalizados aos utilizadores. No entanto, não é possível desassociar o desenvolvimento tecnológico das fintechs da evolução do sector, sendo que estas têm tido um papel crucial, surgindo a partir de nichos da cadeia de valor com uma especialização inerente que abre mais espaço à inovação. Por isso é que também conseguem ter mais destreza em aliar a evolução tecnológica às necessidades específicas de todos os diferentes segmentos de consumidores. Podemos, assim, dizer que, de acordo com a sua estrutura específica, ambas as vertentes do setor financeiro avançam distintamente na transformação da relação entre o consumidor e o dinheiro. Não obstante, cada vez mais se comprova que conseguir implementar mudanças significativas passa por uma estratégia de coexistência entre todos os *players*, que permita integrar o know-how das fintechs nos sistemas bancários. Somente desta maneira tendências que beneficiam a vida do consumidor, como o cashless, podem ser implementadas no panorama financeiro, sem sacrificar a existência de serviços para outros segmentos da população que não sejam favorecidos pela extinção das operações financeiras físicas.

João Baptista Leite
Presidente da UNICRE

■No caso das criptomoedas,, os Bancos Centrais, como a Reserva Federal dos EUA ou o Banco Central Europeu, estão a trabalhar nas suas próprias moedas digitais. A emissão destas moedas reguladas, ao ser protegida por uma skim central, irá permitir evitar os riscos associados a soluções de pagamento não regulamentadas, apoiar a inovação e a digitalização da economia, além de contribuir para a inclusão financeira, aumentando as opções, a concorrência e a acessibilidade dos pagamentos digitais. Do nosso lado, enquanto setor, temos a responsabilidade de acompanhar estes desenvolvimentos para perceber de que forma estes novos ativos vão impactar o sector financeiro, tanto na forma, como no método de pagamento. Já relativamente aos métodos de pagamentos, além da emergência das *wallets* digitais, conseguimos observar, do lado da aceitação dos pagamentos, uma transformação dos métodos de *acquiring* que acompanham estas novas tendências tecnológicas e de consumo. Exemplo disso é o software Mass Transit, que permite usufruir de transportes públicos encostando um cartão, smartphone ou wearable aos validadores de títulos de viagem, uma realidade que, em parceria com a UNICRE, chegou no último mês ao Metropolitano de Lisboa. Outro caso é a nossa app REDUNIQ Soft, que permite a qualquer negócio receber e gerir pagamentos diretamente em smartphones e tablets Android, sem recurso a terminais de pagamentos automáticos.

Diogo Brás
Chief Crypto Business Officer da Bison Digital Assets

■Na Bison Digital Assets, apesar de enquanto VASP sermos uma entidade não financeira, adotamos já os procedimentos bem solidificados praticados em banca. A nível de standards de operação, recorremos a *frameworks* de KYC, AML e governo similares aos praticados pelo nosso acionista único – Bison Bank. Fazemos uso da ferramenta que é a blockchain, investimos em infraestrutura de rastreamento e em formação de staff para tornar este aspeto uma mais-valia para os nossos clientes. Para o nosso acionista o interesse deverá estar na diversidade de clientes que os ativos digitais e a blockchain proporcionam. Estes clientes são sofisticados, e têm na Bison Digital Assets, bem como no seu acionista, uma entidade que os apoia e que compreende as suas necessidades, mantendo-se imparcial, ainda que igualmente criteriosa, em relação a outro tipo de ativos.